PLURIVOCIDADE E ARGUMENTAÇÃO NO TEXTO JORNALÍSTICO

Neiva Maria Tebaldi Gomes
(UniRitter)
Neiva_gomes@uniritter.edu.br

Rosa Maria de Oliveira Manchesski
(UniRitter)
manchess@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo deriva de uma pesquisa linguística que tem como objeto de análise os procedimentos da *encenação argumentativa* (situação de comunicação) empregados em textos jornalísticos: *procedimentos semânticos*, *procedimentos discursivos* e *procedimentos de composição*. O *corpus* dessa pesquisa constitui-se de textos que, explicitamente, apresentam um ponto de vista sobre o mundo: editoriais, artigos de opinião e comentários. O referencial teórico procede de princípios da Análise do Discurso assumidos por CHARAUDEAU e de reflexões e pressupostos de BAKHTIN. Do primeiro, assume-se o princípio de que a *argumentação* está no âmbito da organização do discurso; do segundo, o pressuposto de que a plurivocidade é condição de funcionamento dos signos na sociedade, porque eles deslizam entre múltiplos quadros semântico-axiológicos. O presente artigo faz alguns recortes desse referencial teórico e ilustra o processo analítico da pesquisa com a explicitação do modo de organização do texto *O que nos maravilha em* Alice (CORSO & CORSO). Para ampliar a discussão sobre a construção da argumentatividade, considera aspectos do filme *Alice no País das maravilhas* de Tim Burton. O objetivo final do estudo é o de contribuir, pela explicitação de procedimentos discursivos empregados em textos jornalísticos, com a formação do leitor.

Palavras-chave: refração, plurivocidade, argumentação.

1 PLURIVOCIDADE: MARCAS DA "DOUTRINA DA REFRAÇÃO" NO DISCURSO

> Um membro de um grupo falante nunca encontra previamente a palavra como uma palavra neutra da língua, isenta das aspirações e avaliações de outros ou despovoada das vozes dos outros. Absolutamente. A palavra ele a recebe da voz do outro e repleta da voz do outro. (Bakhtin)

Estudar o discurso, na concepção de Bakhtin (1997, p. 181), significa estudar a língua em sua integridade concreta e viva, materializada, transformada em enunciados. Todo enunciado tem um autor que expressa um posicionamento. No interior de um mesmo enunciado, no entanto, podem-se manifestar diferentes posicionamentos ou valorações, diferentes vozes – discussão que norteia este artigo.

Para contextualizar essa discussão é preciso lembrar que os integrantes do Círculo de Bakhtin, ao definir processo de referenciação, basearam-se na ocorrência de duas operações simultâneas do signo, as quais constituem os fenômenos do reflexo e da refração dos significados do mundo. Previamente às considerações sobre esse aspecto do discurso, cabe pensar a respeito da significação dos verbos "refletir" e "refratar".

O verbo refletir refere-se tanto à reprodução de uma determinada imagem, ou seja, ao fenômeno do espelhamento, quanto à repercussão dessa imagem, ou ao alcance da sua difusão em um dado meio. Quanto à refração física, essa leva em conta o desvio ou a quebra de direção do objeto considerado durante o seu processo de propagação, cujo exemplo clássico é o da trajetória de um feixe de luz, quando atravessa uma massa de água. A possibilidade de se observar as modificações sofridas pelo feixe de luz, em sua trajetória, evidencia que, ao longo do processo dessa propagação, o feixe de luz, dependendo do modo como incide na superfície da água, sofre uma "interrupção" na forma. Por isso, quando chega ao seu destino, a luz, que teve de vencer a oposição da densidade e da complexidade do meio, diversificou-se, "deslizando" para assumir uma forma distinta em relação à origem, em decorrência do fenômeno físico da propagação.

Transpondo o significado desses dois verbos do plano da física para o do discurso, é mais fácil entender as reflexões bakhtinianas sobre signo linguístico: os significados propagam-se, na dinâmica da história, veiculados pelo signo, entre os distintos grupos humanos, retornando os efeitos produzidos por essa dinâmica e pelas distintas experiências concretas desses grupos ao próprio signo. Vistos dessa forma, os signos, como objetos físicos, processam-se contínua e infinitamente, não sendo possível significar sem refratar, uma vez que da heterogeneidade das experiências resultam distintas formas de apreender e ver o mundo, múltiplas possibilidades de valoração dos seres, dos eventos, das ações. Essas infinitas possibilidades de apreensão e de valoração são constitutivas dos processos de significação, fazendo com que, embora o material semiótico permaneça o mesmo, sua significação no ato concreto de enunciação possa ser diferente (FARACO, 2003).

Mdvedev, um dos integrantes do Círculo de Bakhtin (Bakhtin, 1999), considera as distintas verdades sociais como "mutuamente contraditórias", em decorrência das diferentes práxis humanas. Essa diversidade social da práxis refratada e, ao mesmo tempo, materializada semioticamente, funciona como geradora das múltiplas significações do plano social (das múltiplas vozes), processo definido como *plurivocidade*.

A *plurivocidade* é vista, assim, como parte integrante da dinâmica de funcionamento da linguagem e decorre do deslizamento dos significados que acontece devido aos múltiplos posicionamentos sociais e às múltiplas experiências humanas

de distintos grupos e de diferentes épocas. A diversidade de significados resultante desse processo é abarcada pelos signos linguísticos que carregam o que se pode definir como "verdades" ou "vozes sociais" - os múltiplos discursos, na conceituação de Bakhtin.

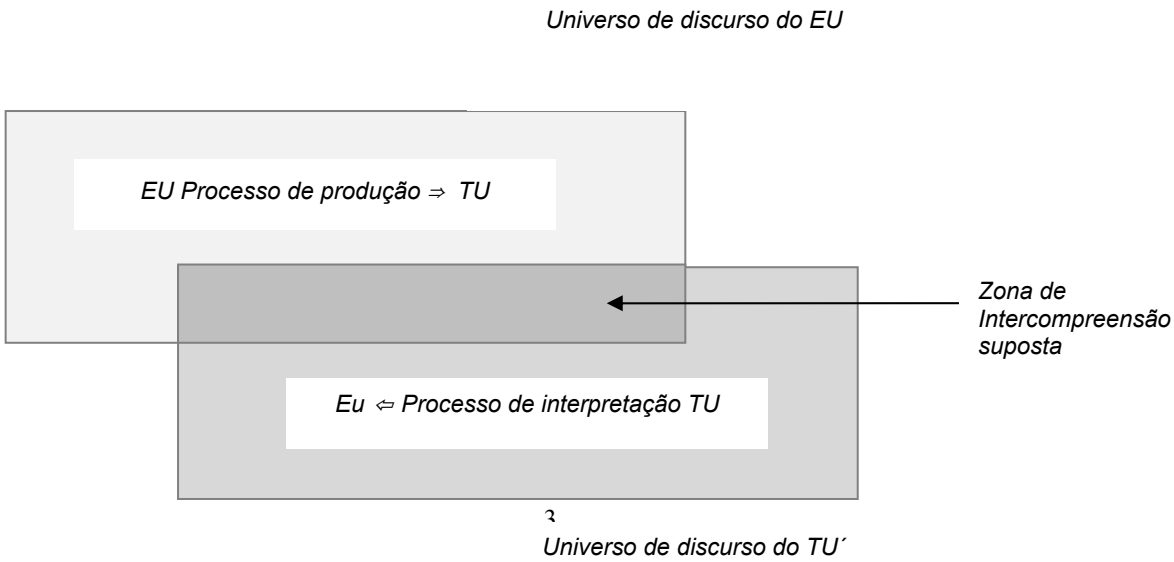
Trata-se, desse modo, da plurivalência social dos signos (e consequentemente dos discursos), que, sob o prisma ideológico de Medvedev, conecta-se à mobilidade social, devido ao fato de esses signos estarem vivos no meio humano e dependerem dos jogos de significação dos contextos em que se inscrevem. O lugar da significação de um determinado quadro semântico, portanto, corresponderá ao plano do contraditório, em que convergem e se repelem os significados que se processam aberta e infinitamente, como exemplificaremos, mais adiante, com a análise do texto *O que nos maravilha em Alice*.

2 ENCENAÇÃO ARGUMENTATIVA

Buscamos em Charaudeau (2008 e 2007) o sentido que damos ao termo encenação. O discursivista entende todo ato de linguagem como uma encenação em que diferentes sujeitos atuam desempenhando determinados papéis, um encontro dialético entre dois processos: o de *Produção*, criado por um EU-locutor e dirigido a um TU-destinatário; o de *Interpretação*, criado por um TU'-interpretante, que constrói uma imagem do EU' do locutor.

Segundo o autor, esses dois processos de produção correspondem a dois *universos de discurso* distintos. No primeiro, processa-se a instituição do TU destinatário (TUd), condição de todo ato comunicativo. O TU destinatário, nesse plano, é o interlocutor ideal fabricado pelo Eu. Mas, nessa perspectiva teórica, além do TUd existe o TU da interpretação (TUi) que age fora do ato de enunciação produzido pelo EU e que escapa, devido à sua posição, do domínio do EU. O TUi se institui no instante do ato em que se opera um processo de interpretação. Assim, o TUd e o TUi não coincidem em todos os pontos, o que implica a existência de dois sujeitos discursivos distintos.

No segundo processo, o da interpretação, revela-se também uma nova assimetria entre o EU *comunicante* (EUc, – o EU que o produtor acredita ou deseja ser) e o EU' *sujeito enunciador* (EUe – imagem construída pelo TUi), que é responsável por um certo *efeito de discurso* produzido sobre o interpretante. Esse processo implica a existência de mais dois sujeitos. Desse modo, a teoria em questão postula, para cada ato de linguagem, a presença de quatro sujeitos: um EU comunicante e um EU enunciador; um TU destinatário, um TU interpretante. Os dois universos discursivos são representados graficamente, por Charaudeau (2008, p. 45), pela figura a baixo:



Em Charaudeau também buscamos considerações relativas aos procedimentos que consistem em utilizar determinadas categorias de língua e ordená-las em função das finalidades discursivas do ato de comunicação – os modos de organização do discurso: o *Enunciativo*, o *Descritivo*, o *Narrativo* e o *Argumentativo*, enfocando, para os fins a que nos propomos, o argumentativo. Esse suporte fornece-nos subsídios para compreender melhor as estratégias que engendram os discursos das mídias.

Na abordagem charaudeana, o texto é a manifestação material (verbal e semiológica: oral/gráfica, gestual, icônica etc.) da encenação de um ato de comunicação, produzido para servir a um projeto de fala de um determinado locutor, numa dada situação. Como as finalidades de comunicação, de um modo geral, são compiláveis, os textos que lhes correspondem apresentam constantes que permitem classificá-los em gêneros textuais, bem como agrupá-los segundo a esfera de que se originam (literários, científicos, publicitários, de informação, de instrução etc.). Os gêneros tanto podem resultar de um modo de organização dominante (enunciativo, descritivo, narrativo ou argumentativo) quanto de combinações de vários desses modos. O ato comunicativo é apresentado como um dispositivo que envolve quatro componentes: a situação de comunicação, os modos de organização do discurso, a língua e o texto.

O modo argumentativo de organização discursiva é considerado pelo próprio autor como o mais difícil de ser apreendido, uma vez que não trata de uma forma de realidade visível e tangível, mas de um saber que tenta levar em conta a experiência humana, através de certas operações de pensamento. Segundo Charaudeau, diferentemente da descrição e da narração, a argumentação não está no âmbito das categorias da língua, mas na organização do discurso.

Sem desconsiderar outras teorias que tentam explicar a *mecânica do discurso argumentativo*, Charaudeau propõe noções de base para melhor compreender essa mecânica. Diz que a argumentação não se limita a uma sequência de frases ou de proposições ligadas por conectores lógicos. A argumentação é entendida pelo autor como prática social que tem finalidade persuasiva e é definida numa relação triangular entre um sujeito argumentante, uma proposta sobre o mundo e um sujeito-alvo (2008, p. 2005). O sujeito argumentante sofre as restrições impostas pela situação comunicacional a que se subordina, mas, ao realizar seu projeto de fala, encontra um espaço de manobra na utilização de estratégias que envolvem aspectos cognitivos, situacionais e estratégicos.

Foi com sob esse ângulo que o texto *O que nos Maravilha em Alice* (tema da próxima seção) foi analisado. Embora o foco da análise seja o texto, para compreender melhor o fenômeno da refração dos significados são também cotejados alguns aspectos do filme *Alice no País da Maravilhas*.

3 PLURIVOCIDADE E ENCENAÇÃO ARGUMENTATIVA NO TEXTO *O QUE NOS MARAVILHA EM ALICE*

O que nos maravilha em Alice?

Alice, seu País das Maravilhas e suas aventuras Através do Espelho, seguem angariando legiões de fãs e estudiosos. Eles encontram em suas linhas todo tipo de sabedoria e maluquice: desde complexos enigmas matemáticos até não menos cabeludas patologias psíquicas. Discutem-se essas inferências praticamente desde

sua publicação, em 1865. É inútil colocar mais lenha nessa fogueira, que deve ser deixada aos cuidados dos ativos membros da Lewis Carroll Society distribuídos ao redor do mundo todo, especialistas na matéria. A pergunta que nos colocamos aqui é bem mais simples do que as que inquietam esses nobres estudiosos: o que faz essa personagem ser tão tocante para tantos, por tanto tempo?

A resposta também é direta e simples: Lewis Carroll gostava de exercitar-se na lógica infantil e soube descrevê-la de forma que adultos e crianças se sentissem tocados por ela. Além disso, as aventuras de Alice são oníricas, o autor soube respeitar as regras de construção dos sonhos e também por isso nossa empatia com essa história é forte, afinal visitamos a cada noite o mundo maravilhoso dos sonhos. Nosso cérebro não desliga nunca. Ele aproveita o repouso para reacomodar os restos do dia, equilibrar as tensões, e alucinar soluções para as pendências não resolvidas. O resultado disso são nossos sonhos e pesadelos. Dependendo da conexão que temos com nosso inconsciente, podemos lembrar mais ou menos deles, mas todo mundo sonha.

Em certos momentos, as obras que relatam universos surrealistas podem parecer uma barafunda aleatória de alucinações sem sentido, mas não são. Prova disso é que nem toda obra, apenas por parecer maluca, consegue se comunicar com o público. Nós reconhecemos por intuição aquelas que realmente são como os sonhos, que fazem eco em nossas próprias produções oníricas, respeitam sua lógica. Estas demonstram conhecer nossos segredos e Lewis Carroll conseguiu essa proeza.

Boa parte da graça da infância provém do jeito canhoto e literal através do qual as crianças compreendem o que se diz e o que se faz. "Somos todos loucos aqui", dizia o Gato de Cheshire, e nenhuma criança discordaria disso. As cenas sociais podem parecer bem estranhas, indecifráveis aos recém chegados. Focada com a lente infantil, a vida dos adultos parece como a do Coelho Branco, que corre atrás de objetivos insignificantes, a mando de uma rainha enlouquecida, como o Chapeleiro Maluco, que vivia condenado a um eterno chá da tarde, ou como as Rainhas esbaforidas que percorriam seu mundo de tabuleiro com a mesma pressa fútil do Coelho. São as determinações inconscientes que regram a lógica dos sonhos, as mesmas que influenciam decisivamente nossas escolhas, medos preconceitos, inibições, compulsões e desejos.

O mundo gira e gira rápido, mas para onde mesmo vamos? Resta aos pequenos a passividade de serem arrastados na correria maluca dos grandes. Embora crescidos, no fundo sentimo-nos como eles, sem controle sobre nossa origem e destino. Mas as crianças são mais destemidas e curiosas, elas não se angustiam tanto com a experiência de tanto desconhecer e pouco controlar.

Carroll era grande apreciador de charadas e jogos de palavras, e brincar com múltiplas interpretações de uma palavra é fácil para aqueles que estão ainda familiarizando-se com a linguagem e costumes do planeta dos adultos. Enquanto artista e matemático, ele praticava a lógica do pensamento infantil como se fosse uma língua arcaica que nunca esquecera de falar. Os sonhos são o último reduto dessa liberdade que as crianças acabam, sem querer, tendo de jogar com as convenções, com as palavras, desrespeitar a razão e as leis da física. Por isso somente quando sonhamos somos capazes de reviver algo da condição infantil.

Maravilhosas são as histórias que nos permitem sonhar acordados, junto a outras pessoas, assim como nos possibilitam resgatar a lógica da infância e dos sonhos. Graças a elas podemos percorrer lugares fantásticos, sejam eles lindos ou assustadores, sem medo de enlouquecer de verdade ou de perder as rédeas da nossa vida.

No final da sua viagem pelo País das Maravilhas, Alice acordou, contou seu estranho sonho à irmã mais velha, em cujo colo adormeceu e saiu correndo. Acabou deixando suas aventuras em seu lugar e através delas a irmã começou tam-

bém de certa forma a sonhar. Carroll, como essa irmã, que sonha maravilhas graças à imaginação das crianças com quem teve o privilégio de privar; ou como o Gato de Cheshire, que compartilha com Alice a percepção de que este mundo é que é mesmo maluco. Ele nos contou as aventuras de Alice, saiu e nos deixou aqui sonhando acordados.

O texto *O que nos maravilha em Alice* nos apresenta uma análise do tema – a significação – enquanto lugar do sonho e espaço discursivo, com inúmeros exemplos de entrecruzamento de material semiótico que conduz à viagem onírica da personagem Alice. Os autores valem-se da sua experiência de psicanalistas para fazerem ecoar as suas vozes sobre o discurso de ficção e demonstrarem que é o exercício das lógicas infantil e onírica que nos maravilha em Alice.

São as determinações inconscientes que regram a lógica dos sonhos, as mesmas que influenciam nossas escolhas, medos, preconceitos, inibições, compulsões e desejos, asseveram os autores, referindo-se à questão da sensação de impossibilidade de controle sobre nossa origem e destino. Quando eles lançam a idéia de que os sonhos são o nosso último reduto humano, reduto da liberdade de jogar com as convenções, configura-se, nessa forma de concebê-los, o processo de significância humana (social), ao qual os bakhtinianos atribuíram valor de realidade aberta e infinita.

Considerado sob o ponto vista linguístico, o discurso ficcional da obra de Carroll é instituidamente plurívoco e ambíguo, devido ao intenso deslizamento de sentidos do material semiótico que compõe o texto. Assim é, também, o que se descobre assistindo ao filme "Alice no País da Maravilhas", baseado na centenária história de Lewis Caroll, que migra das páginas da história dos valores da Inglaterra vitoriana, rígida e formal, deslizando no tempo, através de telas digitais em 3D, em pleno século XXI. Revisitada, essa história aporta no presente significados decorrentes de uma outra (não nova) voz social. Essa releitura apresenta uma abordagem dos valores femininos atribuídos à personagem pelo grupo social. No filme, Alice os retoma, a partir do seu sonho, modificando-os, ampliando-os e marcando, desse modo, a vitória da semiologia onírica sobre o discurso das convenções arcaicas.

A ressignificação trazida pelo filme, de alguma forma, comprova que os fenômenos do sentido podem existir de uma forma latente, potencial, e revelar-se somente num contexto de sentido que lhes favoreça a descoberta, na cultura das épocas posteriores. (BAKHTIN, 2000, p. 365). É o que acontece, por exemplo, quando a personagem, a partir de outra ancoragem (modulação, condução de valores), assume no filme o papel de transcender o jugo imposto pelo modelo sócio-econômico europeu do século XIX, posicionando-se de forma contrária aos valores vigentes à época por serem antagônicos, no tocante a relacionamentos sócio-afetivos, à práxis da corte inglesa daquela época.

Como o ponto de união entre esses dois discursos não é realizado pelo enlace de um jovem casal, mas pelo deslocamento da celebração de uma aliança mercantil, afirma-se, sob este ponto de vista, a presença das fronteiras existentes entre os discursos: entre o que foge do seu cerne (movimento cetrífugo, na linguagem bakhtiniana) e o que converge para ele (movimento centrípeto), relativizando qualquer discurso monológico.

Retornando aos procedimentos utilizados na organização do texto *O que nos maravilha em Alice* para demonstrar as razões do inesgotável prestígio e permanência histórica do livro "Alice", destacamos a frequência de inserção de marcas típicas de comentário (esclarecimento, explicação): *Discutem-se essas inferências praticamente desde sua publicação, em 1865. É inútil colocar mais lenha nessa fogueira, que deve ser deixada aos cuidados dos ativos membros das diferentes Lewis Carroll Society distribuídos ao redor do mundo todo, especialistas na matéria.* A forma verbal selecionada para

essa inserção – "discutem-se" (voz passiva sintética, recurso de indeterminação semântica das vozes a que o texto faz referência) – constitui uma estratégia do(s) sujeito(s) argumentante(s) para definir um conjunto de vozes das quais querem se diferenciar, marcando o seu próprio posicionamento: *A pergunta que nos colocamos aqui é bem mais simples do que as que inquietam esses nobres estudiosos: o que faz essa personagem ser tão tocante para tantos, por tanto tempo?* Sob essa alegada simplicidade, os autores apresentam a sua voz, ou seja, a proposta que guiará o leitor a uma determinada conclusão. Em outras palavras, são os procedimentos selecionados para responder à pergunta que conduzirão o TU destinatário a convencer-se de que maravilhosas são as histórias que nos permitem sonhar acordados e a concluir que é por isso que Alice nos maravilha tanto. Note-se que a caracterização da pergunta (*bem mais simples*) contrasta com a dos especialistas na matéria (*nobres estudiosos*), demarcando dois lugares distintos: o da ficção e o da psicanálise.

Também os comentários que definem o modo das crianças verem o mundo, em contraste com o modo adulto, têm função persuasiva e também procedem do lugar da psicanálise. O sujeito enunciador marca esse lugar e se revela no texto, de modo explícito, pela presença abundante de termos próprios do seu universo discursivo: aventura onírica, mundo maravilhoso dos sonhos, sonhos e pesadelos, inconsciente, alucinações, escolhas, medos, preconceitos, inibições, compulsões e desejo.

A pergunta - *O mundo gira e gira rápido, mas para onde mesmo vamos?* - configura-se como um recurso retórico que possibilita contrapor a passividade das crianças diante da "maluquice" que é a correria da vida adulta à angústia dos adultos em relação a essa mesma realidade, atribuindo a elas uma vantagem: *Mas as crianças são mais destemidas e curiosas, elas não se angustiam tanto com a experiência de tanto desconhecer e pouco controlar*. A contraposição vem linguisticamente marcada pelo operador argumentativo *Mas*.

Para explicar a gênese da lógica do pensamento infantil que caracteriza a linguagem com que Carroll nos envolve, fazendo-nos sonhar como as crianças, o sujeito argumentante vale-se novamente de um comentário, agora, sobre o autor da obra: *Carroll era grande apreciador de charadas e jogos de palavras, e brincar com múltiplas interpretações de uma palavra é fácil para aqueles que estão ainda familiarizando-se com a linguagem e costumes do planeta dos adultos*. Mas é ainda do lugar da psicanálise que se constrói a relação triangular entre um sujeito argumentante (os psicanalistas), uma proposta sobre o mundo (Alice nos maravilha tanto porque nos faz sonhar) e um sujeito-alvo (o leitor).

Quanto à sua estrutura composicional, o texto em estudo (comentário crítico) revela um caráter híbrido, já que possui em sua composição sequências próprias da estrutura da crônica – que articula aspectos narrativos e comentários analíticos – a sequências dissertativas. Esse segundo tipo de sequência é pautado pela problematização do tema que se formata através de uma lógica de raciocínio que aponta para um determinado ponto de vista. O texto resultante configura procedimentos de composição que, embora distintos, se mesclam e se interpenetram. Esses procedimentos decorrem e são constitutivos do próprio jogo da comunicação (ou encenação argumentativa), que envolve, segundo Charaudeau, quatro sujeitos: o *sujeito comunicante* (EUc - os autores que têm uma proposta sobre uma determinada realidade), o *sujeito enunciador* (EUe - imagem que o destinatário constrói pelas informações textuais), o *TU destinatário* (Tud - interlocutor ideal fabricado pelo Eu) e o *TU interpretante* (TUi – leitor do texto).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando o princípio Charaudeano de que a argumentação está no modo de organização do discurso, depreende-se que cada texto apresenta, em relação à constituição da argumentatividade, especificidades próprias. Em *O que nos maravilha em Alice*, a construção do ponto de vista revelou-se mais claramente pelo jogo de vozes – as dos especialistas e, em oposição, a dos psicanalistas – e sua sustentação pela inserção de explicações e comentários no corpo do texto. O emprego desses procedimentos denota um contraste textual em relação à estrutura argumentativa convencional, perceptível pelo baixo emprego de conjunções comumente empregadas na articulação de argumentos e contra-argumentos.

Os psicanalistas processam sua linha de pensamento, ora lançando mão de comparações e progressões comparativas, ora registrando sua própria opinião, estratégia marcada pela conjunção adversativa "mas", cujo efeito é a mudança circunstancial do tom da consideração desenvolvida. O enunciado organiza-se ao estilo de uma conversa estabelecida por meio de um embate implícito e sugestivo, composto de perguntas (algumas veladas) a que eles apõem suas respostas.

Outro aspecto a considerar é o efeito gerado pelas interlocuções com os personagens da obra e, concomitantemente, com o leitor, o que se reflete na possibilidade de uma ampla interação e diálogo com distintos públicos. Os autores, ao visitarem o livro de Alice, abrem janelas para um redimensionamento do plano discursivo do absurdo - que integra a lógica dos sonhos. Sucedem-se, em virtude disso, esclarecedoras retomadas para clarear o que se refere à psicanálise nesse aspecto, permitindo ao leitor experienciar, também, as possibilidades de viajar pelo labirinto de Alice. Suas constantes retomadas com aportes de esclarecimentos conduzem os leitores pelas rotas pouco transitadas da lógica do discurso onírico. Os autores nos apresentam, assim, uma estrutura em que se alternam raciocínios, ora temporais, ora atemporais, prática que é aval para mergulhos ao inconsciente.

A conclusão do texto nos brinda com o argumento de que os significados do que vem a ser sonho e loucura não passam de interfaces de um mesmo discurso, já que ambos se instituem como um território livre e [re]estruturador que nos permite transitar por ele, sem amarras, mas não sem uma determinada lógica discursiva. O nosso diálogo com essa lógica, no entanto, não prescinde da mediação da lógica discursiva social. Em face a essa lógica discursiva, o comentário crítico *O que nos maravilha em Alice* revela-se um instigante e (in)formativo modo de decodificar o texto original que, por adquirir *status* de atemporalidade, segue inteligível, já que suscita, a partir do suporte midiático, a discussão do campo onírico para além da análise do plano literário.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN. M. **Estética da Criação Verbal**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000, 421 p.

BAKHTIN. M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 199, 275 p.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 9ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999, 196, p.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. Paulo: contexto, 2007, 285 p.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**: modos de organização. São Paulo: contexto, 2008, 256 p.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo**: as idéias lingüísticas de Bakhtin. Curitiba: Criar Edições, 2003, 134, p.

CORSO, M ; CORSO, D. **Alice no País das Maravilhas**. Zero Hora, Porto Alegre, 13 de março, 2010. Caderno Cultura, p. 6.